

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

CHALLENGES OF HUMAN EPISTEMIC AGENCY IN THE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCES (AIS) IN TEACHING COMMUNICATION

DESAFIOS DE LA AGENCIA EPISTÊMICA HUMANA EN EL USO DE LAS INTELIGENCIAS ARTIFICIALES (IAS) EN LA ENSEÑANZA DE LA COMUNICACIÓN

Moisés dos Santos Viana¹ <https://orcid.org/0000-0001-9048-9097>

¹ Universidade do Estado da Bahia – Conceição do Coité, Bahia, Brasil, mviana@uneb.br

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o ensino de Comunicação Social a partir de diretrizes de ensino-aprendizado no uso das chamadas Inteligências Artificiais (IAs), em atividades acadêmicas aplicadas na formação do comunicador, ou seja, orientações para questões cotidianas do ensino superior. Como processo metodológico, fez-se um levantamento de trabalhos correlatos sobre os conceitos de IAs e agência epistêmica humana e agência epistêmica de IAs, bem como resultados de experiências localizadas nesta área (Gašević; Siemens; Sadiq, 2023; Mah; Gross, 2024; Khosrav *et al.*, 2022; Salas-Pilco; Yang, 2022). Utilizamos também nossas experiências relatadas em anotações pessoais, discussões e demandas cotidianas do ensino de comunicação, pesquisa e extensão como fontes do ensaio. Portanto, há necessidade de compreensão das atuações das IAs no ensino-aprendizado, apresentando-as como uma criação da agência humana, necessitando de compor normas e diretrizes de uso no campo da Comunicação Social em seus possíveis desdobramentos.

Palavras-chave: Agência Epistêmica Humana; Comunicação social; Inteligência artificial.

ABSTRACT: This essay aims to present a reflection on the teaching of Social Communication based on teaching-learning guidelines in the use of so-called Artificial Intelligences (AIs), in academic activities applied to the training of communicators, that is, guidelines for everyday issues in higher education. As a methodological process, a survey was conducted of related works on the concepts of AIs and human epistemic agency and epistemic agency of AIs, as well as results from localized experiences in this area (Gašević; Siemens; Sadiq, 2023; Mah; Gross, 2024; Khosrav *et al.*, 2022; Salas-Pilco; Yang, 2022). We also used our experiences, as documented in personal notes, discussions, and the daily demands of teaching communication, research, and outreach, as sources for this essay. Therefore, there is a need to understand the role of AIs in teaching and learning, presenting them it as a creation of human agency, requiring the establishment of norms and guidelines for its use in the field of Social Communication and its possible developments.

Keywords: Human Epistemic Agency; Social communication; Artificial intelligences.

RESUMEN: Este ensayo tiene como objetivo presentar una reflexión sobre la enseñanza de la Comunicación Social basada en directrices de enseñanza-aprendizaje en el uso de las llamadas Inteligencias Artificiales (IAs), en actividades académicas aplicadas a la formación de comunicadores, es decir, directrices para problemas cotidianos en la educación superior. Como

proceso metodológico, se realizó un relevamiento de trabajos relacionados sobre los conceptos de IAs y agencia epistémica humana y agencia epistémica de IAs, así como resultados de experiencias localizadas en esta área (Gašević; Siemens; Sadiq, 2023; Mah; Gross, 2024; Khosrav *et al.*, 2022; Salas-Pilco; Yang, 2022). También utilizamos nuestras experiencias, documentadas en notas personales, discusiones y las demandas diarias de la enseñanza de la comunicación, la investigación y la extensión, como fuentes para este ensayo. Por lo tanto, existe la necesidad de comprender el papel de las IAs en la enseñanza y el aprendizaje, presentándolos como una creación de la agencia humana, requiriendo el establecimiento de normas y directrices para su uso en el campo de la Comunicación Social y sus posibles desarrollos.

Palabras clave: Agencia Epistémica Humana; Comunicación social; Inteligencias artificiales.

Introdução

Nosso presente mediado aponta para uma realidade desafiadora e dramática, cada vez mais em volta à datificação, algoritmização e hiperconexão (Calvo, 2019). Claro que essa realidade traz uma imagem de progresso econômico e com ela perturbações importantes ao sistema social, no que conhecemos como mundo da vida, antes estabelecida sob a lógica experiencial cognitivas analógicas em estruturas sociais e culturais sólidas e previsíveis. Hoje temos o real povoado por imagens, direcionado por subsistemas informacionais e impulsionado por conglomerados financeiros. Forma-se aí um ecossistema digital direcionador de tomadas de decisões, gestão pessoal, economia de mercado, comunicação estratégica, política duvidosa e educação como mercadoria. Tudo isso torna latente nos usos de aplicativos com dispositivos móveis, na ubiquidade desse universo digitalizado, especificamente nas relações institucionalizadas e conversões do ensino superior como gerador de conhecimento.

Dessa maneira, temos observado uma real transformação do ensino-aprendizado que parece questionar não apenas as instituições em seu processo normativo, mas também os indivíduos no relacionamento e na agência epistémica humana que os leva a situar-se como agente do conhecimento. As transformações institucionais de geração de comunicação, em processos de educação, vêm evidentemente se transformando nos últimos 15 anos, coincide com nossa experiência no ensino superior público, no estado da Bahia, o que nos proporciona um clima de suspeita e angústia profissional, antes sob a tecnologia analógica, própria da formação profissional em jornais, televisão e rádio, o que caracterizou o ensino da comunicação até os primeiros anos do século XXI. Mas esse tipo de educação centrada no livro e nas tecnologias analógicas entrou em profunda crise e desafiou o ensino superior.

Além disso, outro fator da política educacional no campo da comunicação é que desde o início dos anos 2000, quando a formação do comunicador se especializou para uma prática mercadológica neoliberal, sendo fragmentada em compartimentos instrumentalizados, por

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

vezes equivocada, houve uma paulatina digitalização dos processos que englobou o conhecimento sobre a produção comunicacional que passou de uma produção impressa em superfícies sólidas da informação (jornal impresso, revistas, fotografias), sons (CD e discos), imagens analógicas (cinema, fotografias), radiodifusão e audiovisual (TV, Rádio e Cinema) para um mundo digitalizado por dados e tecnologias cada vez mais mediadas por algoritmos, plataformas *streaming* e redes sociais.

Desse contexto nasceu a angústia vivida na operação do ensino de Estágio Curricular Supervisionado em Comunicação Social, fez surgir um caminho criativo, pois nos desafia a pensar-escrever diretrizes na formação e ensino-aprendizado da comunicação, em específico, no uso das chamadas IAs, na atividade acadêmica cotidiana aplicada na formação do comunicador, ou seja, orientações pragmáticas para questões cotidianas que se estende como condições de possibilidade de ação no presente-futuro.

A partir dessa realidade mediada, temos um problema: qual o impacto das inteligências artificiais (IAs) na agência epistêmica humana no cotidiano do ensino de comunicação social? Assim nos deparamos com essa tecnologia colocada no nosso dia a dia e na pesquisa, ensino e extensão, o que nos impacta com os desafios que nos leva a pensar sobre os benefícios da agência maquínica das IAs no processo de geração de conhecimento, ensino-aprendizado, na construção de sentido e na tomada de decisões (Gašević; Siemens; Sadiq, 2023; Mah; Gross, 2024). Além do mais, há a criação de modelos abertos, assertivos dentro de operações que podem ser explicados no contexto da educação, construído a partir de inovação aberta e centralizada na agência humana (Khosrav *et al.*, 2022). Também destacamos que há uma tendência cada vez maior do uso das IAs na universidade, afetando as sociabilidades no chamado da América Latina (Salas-Pilco; Yang, 2022). Este ensaio tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o ensino de Comunicação Social a partir de diretrizes de ensino-aprendizado no uso das chamadas Inteligências Artificiais (IAs), em atividades acadêmicas aplicadas na formação do comunicador, ou seja, orientações para questões cotidianas do ensino superior.

Elencamos nove etapas em quatro passos principais que nos possibilitaram desenvolver uma ação deliberada sobre o tema proposto que chamamos itinerário metodológico desse ensaio. Como processo metodológico, fez-se um levantamento de trabalhos correlatos sobre os conceitos de IAs e agência epistêmica humana e agência epistêmica de IAs e utilizamos também nossas experiências relatadas em anotações pessoais, discussões e demandas cotidianas do ensino de comunicação, pesquisa e extensão como fontes do ensaio. Como destacado na Figura 1, seguimos o seguinte roteiro que estão postos nas etapas seguidas:



DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

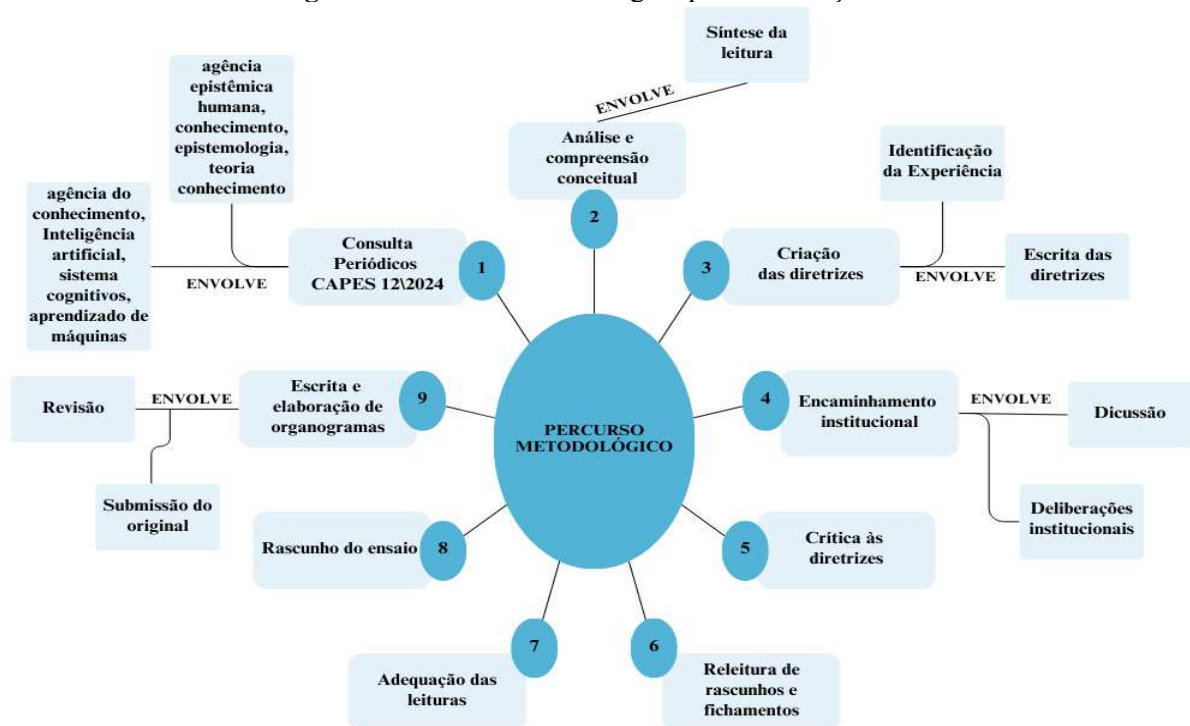
Passo 1: organizamos uma série de leituras nos últimos 10 anos (2014 a 2024) acerca do conceito de agência epistêmica humana, a partir dos descritores [agência epistêmica, conhecimento, epistemologia e teoria do conhecimento], bem como dos descritores [agência do conhecimento, Inteligências artificiais, sistemas cognitivos, aprendizado de máquinas] (Gašević; Siemens; Sadiq, 2023; Mah; Gross, 2024; Khosrav *et al.*, 2022; Salas-Pilco; Yang, 2022).

Passo 2: organizamos uma série de relações desses conceitos a fim de elaborar diretrizes de uso das IAs no ensino de comunicação, perpassando a vida cotidiana da universidade mediada pela nossa experiência docente, território de atividade, campo de ensino-aprendizado e demandas atuais que surgem nesse processo.

Passo 3: separamos os textos mais úteis para nosso objetivo prático e construímos um conjunto de diretrizes, a partir disso elaboramos uma reflexão ensaística com organogramas que pudessem justificar e solidificar nosso entendimento acerca do campo emergente em nossa contemporaneidade e que afeta nosso presente e futuro.

Passo 4: a tessitura das normas precede um ensaio (Meneghetti, 2011) que nos leva à uma reflexão e orientação que julgamos pertinentes para estabelecermos condições atualizadas e preditivas para o problema especificado.

Figura 1 - Percurso metodológico para elaboração do ensaio



Fonte: Elaboração do autor (2025)

O texto é apresentado em três partes: 1) *Perspectiva da agência epistêmica humana*; 2) *Aspectos convergentes das IAs no ensino-aprendizado*; 3) *Diretrizes para atividade acadêmica em Comunicação Social*. Dessa maneira, abrimos uma frente que possa ser o início para novos pensamentos no ensino da comunicação e sua realidade.

Perspectiva da agência epistêmica humana

Ao partirmos da reflexão sobre o que é a agência humana de Engel (2017), podemos pensar que esta ação é mediada por uma razão com motivos intencionais e por isso descrita como atividade voluntária. Por sua vez, este agir assume a perspectiva de finalidade e resultado. Conseqüentemente, há um motivo passível de ser explicado: quem age está sob a perspectiva de uma descrição da ação [agência]: desejo, crença, intenção, norma e motivação, ou seja, toda ação racional é passível de descrição e justificativa.

Uma crença justificada, voluntária, intencional, metodicamente repetível e dentro de uma razão compartilhada pode ser classificada por agência humana, seja ela epistêmica ou não, endossada por diferentes tradições do conceito de razão. A racionalidade prática ou abstrata deve conduzir a agência humana em diversos matizes. No entanto, a agência epistêmica tem nuances e complexidades que deve ser descrita e explicada para além de uma agência humana cotidiana, definindo elementos típicos e singulares de sua existência descritiva.

É certo que razões epistêmicas, governadas pela evidência da verdade de uma proposição, podem justificar e assim fazer todo o trabalho explicativo de uma ação. Porém, apenas em um sentido indireto, como mostrarei ao longo deste trabalho. A literatura sobre racionalidade prática costuma fazer uma distinção entre razões explicativas e razões justificativas ou, conforme outra terminologia, entre razões motivacionais (que causam e explicam a ação) e razões normativas (que a justificam). Razões epistêmicas são razões justificativas ou mais controversamente normativas. Elas podem explicar a ação se o agente, todas-as-coisas- consideradas, de fato, as empregar na ação. A participação das razões epistêmicas na ação, no entanto, é indireta (Engel, 2017, p. 546).

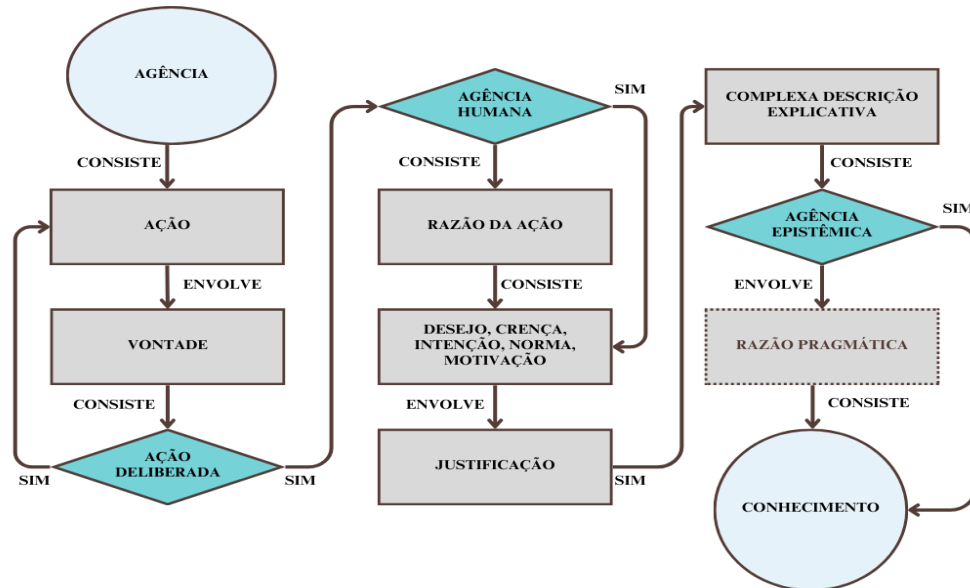
O problema da agência epistêmica é de longa data, como destaca Elgin (2013), começa com as reflexões platônicas, que a colocou à baila ao refletir sobre a ontologia e as virtudes do conhecimento. Destacamos a ação humana no processo de conhecer e constante busca da verdade como caráter da virtude epistêmica como uma teoria a ser associada às crenças e excelência da virtualidade ontológica. Pode ser aplicado em muitas dimensões inclusive de uma agência média por máquinas e algoritmos no percurso do conhecimento como posto na Figura 02 envolve vários processos descritivos: a) agência consiste em ação que envolve vontade e

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

deliberação; b) essas características da agência humana consistem em uma razão, desejo, crenças, intenção, norma e motivação; e c) a agência epistêmica envolve justificação, descrição, pragmatismo e conhecimento comunicável.

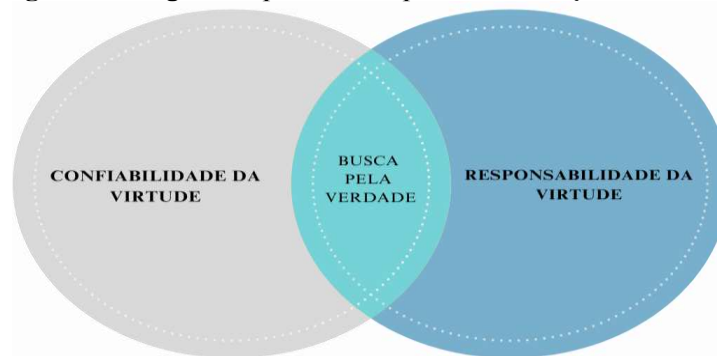
Figura 02 - Agência epistêmica a partir do percurso do conhecimento



Fonte: Elaboração do autor (2025)

A confiabilidade destaca a busca pela verdade e se agência epistêmica é fidedigna em um percurso, quando tal disposição está indicando confiança no que é buscado como valor. Nesse caso, o bom senso que é o valor-verdade perpassa as circunstâncias de integralidade do exercício de validação e pende, no mais das vezes, a produzir o conhecimento. Por isso, devemos estar atentos às evidências e aos fatos que produz valores de conhecimento, bem como ao que condiz com a confiabilidade do processo percorrido ao gerar o conhecimento. No entanto, temos a negação das evidências produzidas nesse caminho que possam atrapalhar ou desfocar dos objetivos da investigação, o que chamamos de objetividade. Além disso, há uma responsabilidade como agência epistêmica deliberada, ação geradora de crenças, sustentada sobre o caráter e virtude do agente responsável em descrever o processo de causa-efeito evidenciados no fato, ver Figura 03. Ou seja, não basta gerar, descrever ou interpretar, precisamos valorar a evidência dos fatos, como destaca Elgin (2013).

Figura 03 - Agência epistêmica a partir das crenças na verdade



Fonte: Elaboração do autor (2025)

Elgin (2013) nos lembra que é preciso uma autonomia epistêmica que permite uma formação de conhecimento adquirido como um processo de virtude da agência humana em uma série de habilidades que possam alcançar uma teleologia, implicada no saber adquirido e nas crenças pessoais e coletivas, quando estas são compartilhadas. Esse pensar por si mesmo é tomar responsabilidade a partir de métodos confiáveis, mediados por afirmações e ação epistêmica, caso esta seja demandada. Ou seja, o conhecimento específico deve se posicionar criticamente sobre as agências epistêmicas dos especialistas, sabendo o percurso desta agência (seus métodos) e quão ele tem de validação da comunidade epistêmica a qual pertence. Em outras palavras, os saberes expressados no contexto epistêmico: abertura, rigor, padrão, método, razoabilidade e honestidade intelectual são validados pela comunidade epistêmica. A agência epistêmica exige uma autonomia que supere a arbitrariedade e a idiossincrasia.

Sosa (2012) ao refletir sobre a agência epistêmica traz à baila a relação de liberdade e racionalidade diante de crenças que são formadas ao longo da vida das pessoas a partir da prática racional e das crenças razoáveis voltadas ao conhecimento. Desse modo, a agência epistêmica humana não se trata de uma perspectiva desenvolvida a partir de uma programação ou crença instalada consciente ou inconsciente. Para o agir cognitivo humano nesse nível, há de haver um juízo constituinte de conhecimento por meio da plausibilidade, do método, da reprodutividade e do compartilhamento.

Essa é uma razão pela qual talvez pareça, inicialmente, que o escopo da livre escolha excede em muito o escopo do juízo livre. Pode parecer que não há escopo para o juízo arbitrário apropriado, ao passo que há um vasto escopo para a escolha arbitrária apropriada. Uma vez que somos levados a ser racionais, salvo quando forças especiais nos conduzem à irracionalidade, somos assim forçados, aparentemente, a julgar como o fazemos sempre que julgemos efetivamente. Ou estamos sujeitos à força da razão, ou estamos sujeitos a alguma força irracional, a algum viés, talvez, ou a alguma superstição culturalmente derivada. Por contraste, a escolha pode ser arbitrária sem ser irracional, de modo que pode ser feita livremente sem a necessidade de força, racional ou irracional (Sosa, 2012, p. 33).

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

A despeito dessa reflexão, apontamos que não basta apenas haver uma agência epistêmica que seja composta por unidirecionalidade de crenças ou fruto de uma experiência simples. Ela deve ser organizada a partir de outras camadas no sistema de conhecimento e que serão dadas pela operação de outros agentes em estruturas sistemáticas. Essa validação do conhecimento primário que visa classificar e dispor da agência epistêmica humana pode ser plastificada a partir da relação com a difusão do conhecimento, campo interdisciplinar que visa compreender o real em sua múltipla perspectiva como processos, racionalizações, relações descritivas, impressões e divulgações comunicacionais.

Pensamos que o conhecimento é uma relação voltada para o diálogo entre agentes específicos de conhecimento, agentes profícuos que organizam seu sistema social por circularidade de saberes, ou seja, a partir de uma relação de geração, gestão e difusão do conhecimento. Cada agente está em comunicação com outros agentes em comunidade epistêmica, dialogando com os outros agentes em diversos campos.

Nossa perspectiva nasce de alguns trabalhos anteriores que refletimos e apresentamos as experiências como elemento derivador e constitutivo do conhecimento múltiplas camadas organizadas em sistemas complexos e redes organizadas (Viana, 2023; Viana; Jesus, 2024). As experiências caracterizam então o conhecimento como atividade deliberativa que emerge como condições de um saber **historicamente marcante** (experiências corporais-cerebrais), **institucionalmente reconhecido** (experiências sociais-culturais) e **estruturalmente comunicável** (linguagens, sistemas-signos). Ora as plantas possuem um estatuto de experiência, mas em sua agência não conseguimos localizar esses três elementos e caracterizá-las, mesmo que haja estudos que deixam marcante sua interação bioquímica. Foge de uma liberdade dada por outros caminhos das escolhas (Viana, 2023).

- **historicamente marcante** (experiências corporais-cerebrais): Ao pensar a pessoa humana na perspectiva de uma ação-bioquímica, organizacional como um sistema biológico autopoietico, apontamos não apenas como parte de uma ação deliberada natural, mas também em constante evolução de bilhões de anos; essa experiência marca o desenvolvimento das sensações que abrangem a arquitetura mental, acesso ao universo físico e emergência do conhecimento do mundo; essa dimensão pessoal, individual se desdobra em um conjunto de aspectos coletivos e sócio-culturais;
- **institucionalmente reconhecido** (experiências sociais-culturais): Concomitante ao acesso ao mundo material, emerge um conjunto operacional do sistema material que denominamos sociedade e cultura; neste universo emergente há sensações e informações, passando por elementos em que a própria cultura relaciona em

determinação e descrição dos fenômenos da natureza; as relações da natureza com a dimensão sociais-culturais são postas circularmente em um profícuo intercâmbio de informação que se organiza e tem sentido comunitariamente em sociedade; a agência epistêmica nessa dimensão abrange ações institucionalizadas de validação do conhecimento, destacando método, função social, ética, organização e reprodução do conhecimento;

- **estruturalmente comunicável** (linguagens, sistemas-signos): o conhecimento que nos chega pessoalmente em informação, organizado em um bojo cultural e sistematizado nas instituições e agências de conhecimento que operam no sistema da comunicação; não há comunicação sem uma relação de sentido, interpretação e relação de significado abstraído na linguagem e nos signos; cada cultura terá seus sistema que interagem com a natureza, modificando-a como um processo a delinear o conhecimento na natureza, sobre e si e sobre a cultura; a agência epistêmica age nessa dimensão de forma a fortalecer as correspondências e malhas de interação;

Assim, falaremos em agência epistêmica como uma perspectiva justificada que caracteriza as relações humanas em seu processo cognitivo na geração, gestão e difusão do conhecimento contrapondo ao que comumente vão chamar de agência cognitiva artificial: “(que explora a noção de ação na robótica e em sistemas de inteligência artificial), entre outras” (Engel, 2017, p. 553).

Nesse caso podemos pensar o que pressupõem a agência epistêmica humana como um estado e ação no mundo, como uma atitude perante a realidade. Na perspectiva da experiência do pragmatismo esse estado é uma forma de vida em que as experiências se acumulam formando um sistema cognitivo importante que emerge no contexto de ação e estar no real (Viana, 2023). No fluxograma Figura 04 apresentamos tais disposições como modelo para entendimento da operação da agência epistêmica humana junto dos dispositivos das IAs e sua atividade de geração e gestão do conhecimento. A agência epistêmica humana implica difusão de conhecimento em um conjunto de experiências historicamente marcada (corpo e mente), reconhecimento institucional (sociocultural), comunicação e ciência.

Figura 04 - Disposição da agência epistêmica a partir da experiência



Fonte: Elaboração do autor (2025)

Essas dimensões, propriamente dita, não agem separadamente para estabelecer a agência epistêmica humana. Ao contrário, apresenta-se como processos de um sistema de conhecimento que opera em conjunto com outros sistemas complexos dinamizados e em operações autopoieticas. Dessa maneira, nesse recorte reflexivo podemos pensar como a agência epistêmica humana acontece diante do percurso desafiador das agências das IAs no mundo. Para isso, queremos repensar o que são as IAs no processo de ensino-aprendizado

Aspectos convergentes da IA no ensino-aprendizado

Como sintetizado por Salas-Pilco e Yang (2022), a partir das definições da cibernética e dos sistemas de computação, as chamadas IAs têm sido colocadas como uma condição capaz emular ou simular aspectos cognitivos humanos tais como o ensino-aprendizado, baseando-se em treinamento com grande número de dados, mediado por sistema autômato organizado por algoritmos específicos e adaptados ao contexto de programação.

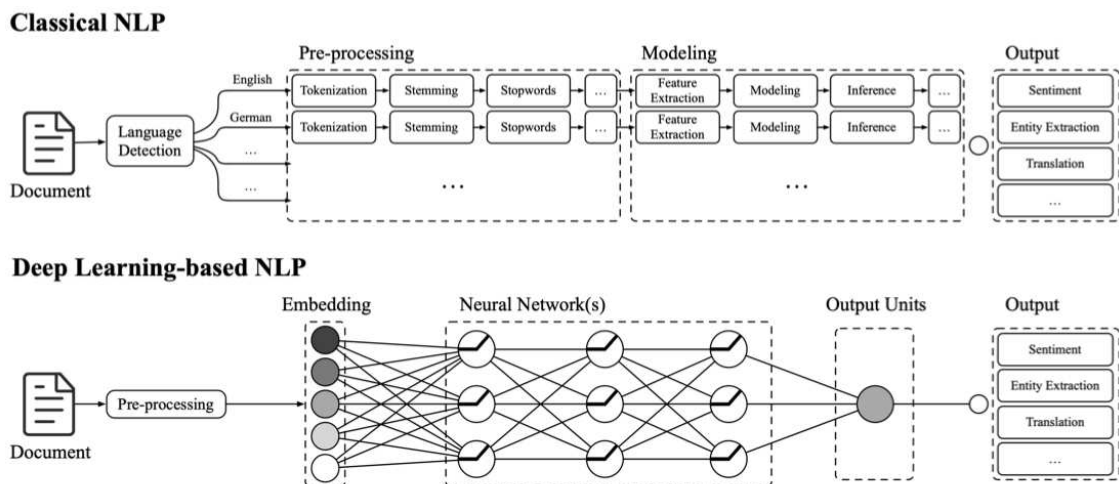
Esse processo pode ser chamado *Machine Learning*, aprendizado de máquina dentro de uma programação algorítmica que analisa e cria padrões, modelos e métodos de acordo com seu comando inicial, podendo ser aplicável, replicável e reprogramável. com a possibilidade de aprender e alterar as bases programadas. A funcionalidade desse processo maquínico pode passar por duas dimensões fundamentais, a do processamento de *Natural language processing* que é uma programação que utiliza um grande conjunto de algoritmos que simulam a linguagem

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

natural na ação de interpretação de dados gerados por essas mesmas linguagens. O modelo de *chatbot*, por exemplo, faz as traduções e responde perguntas em versões mais avançadas. Elas constroem textos, respondem a perguntas simples, questões medianas e processos mais complexos com classificação, compreensão e organização de ideias, emulando a linguagem humana a partir dos dados existentes que fazem parte de seu treinamento programado, ver a Figura 04.

Figura 04 - Exemplo de *Natural language processing* para *Deep learning*



Fonte: Landolt, Wambsganss e Söllner (2021. p. 4)

No entanto, o modelo de IAs que se baseiam em *Deep learning* é uma outra tipologia de aprendizado de máquina cujo objetivo é prever, organizar e simular grande número de dados, possibilitando o treinamento e desenvolvimento de um raciocínio e lógica capaz de montar conjuntos de novas informações infinitamente superiores a memória humana, operando em processos de reconhecimento e análises rápidas, um exemplo são as análises de imagens e reconhecimento facial, ver Figura 04. A *Deep learning* se desenvolveu utilizando grandes dados por meio da *BigData* e é operada por *Graphics Processing Units* (GPUs) que permite o treinamento de redes neurais. Estas redes são recursos organizados em composições que combinam recursos e dados recorrentes, filtrados em processos velozes que calculam reconexões a partir dos erros anteriores. Essas simulações criam probabilidades, são treinados e supervisionados para inibir novos erros em tarefas focadas em resolução de problemas específicos tais como previsões de dados financeiros, recombinação bioquímicas e farmacêuticas ou mesmo para criar análises de dados em grandes escalas. Esses dados habilitam as relações organizacionais e criam modelos práticos em usos específicos para as IAs e suas aplicabilidades no cotidiano de uma organização, por exemplo (Gašević; Siemens; Sadiq,

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

2023). Na questão da comunicação, esse problema se especifica não só na produção de textos e *fake news*, mas também como a chamada *deepface* que gera de imagens que configuram a realidade, pendendo entre a novidade de uma tecnologia interessante e a ameaça à atividade profissional humana.

O ponto que une essas duas perspectivas reside na ideia de automação, algo que, no caso da IA generativa, se apresenta sob uma forma especialmente convincente: o que seriam as imagens que aparecem após submetermos poucas linhas de texto — o *prompt* — senão uma construção tecnológica autônoma? Essa sensação se aprofunda na medida em que o volume de dados e a velocidade de seu processamento ultrapassam os limites de nossa cognição, fazendo com que o funcionamento dessas tecnologias não possa ser compreendido plenamente. Frente a esse enigma, só podemos concluir que as imagens foram elaboradas de forma automática, constituindo um novo paradigma tecnológico. Mas tudo o que é novo é apenas esquecimento. (Coelho, 2024, p. 1).

A organização de uma agência das IAs passa por processos matemáticos complexos, intermediado por plataformas digitais e direcionado para ações e tomadas de decisões previamente programadas com viés algorítmico. Essa agência algorítmica vem sendo posta nas cenas das vidas humanas com controvérsia e cheia de contradições sociais e políticas, carecendo de regulamentação, pois tem sido direcionada para uma tendência excludente e equivocada, como destaca Calvo (2019) ao analisar essa tecnologia no âmbito de uma sociedade mediada por máquinas que apresenta duas características: a) ação dos agentes ao elaborar um sistema de IAs a partir de modelos matemáticos e dados massivos; b) tomada de decisão baseada em valores democráticos tais como bem comum, justiça, honestidade, credibilidade, integridade, honradez e participação.

Podemos, a partir dessas evidências propostas, destacar elementos importantes a serem associados às políticas de tecnologias da sociedade contemporânea, elencando-as seguir: a) a falta de uma democracia que permite uma tomada de decisão mais imersiva dos agentes humanos conectados; b) o viés de seletividade produzidos nos modelos matemáticos de treinamento das máquinas que se alimentam de dados de uma parcela ainda incipiente da sociedade; e c) e hiperconectividade limitada, mas representada em preferências, opiniões, hábitos e consumo que gera muitos dados, tais como raça, gênero e classe. “De este modo, los individuos con déficit o carencia de hiperconectividad digital son castigados por el sistema por idiotez; es decir, por su indiferencia o desinterés por lo público” (Calvo, 2019, p. 17). Por mais bem treinada e complexas que sejam as IAs, essa tecnologia é direcionada dentro de problemas dos sistemas sociais, elencando as tomadas de decisão até as organizações de ações nos processos de ensino-aprendizado que impactam diretamente a vida das pessoas. Assim, observamos uma lacuna na compressão tecnológica que proporciona disruptividades em lugar

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

de decisões assertivas, emulando o pensamento humano e provocando perturbações importantes ao sistema social (Calvo, 2019, p. 17-18).

Com a tendência da digitalização da sociedade e a criação do *BigData* com uso grandes escalas de bases de dados, observamos novos problemas tais como governança algorítmica, questões de acesso, desigualdades econômicas, tecnológicas e territoriais, bem como alteração das sociabilidades humano-humano (Calvo, 2019). Nesse caso, podemos pensar nos aspectos da economia política e transformação digital nas relações de ensino, medicina, emprego e renda. Nesse caso, há uma ausência de políticas públicas para setor de IAs e o avanço deliberado da plataformização da economia que passa a ser ecossistemas digitais transnacionais, ampliando a ausência de autossuficiência tecnológica com o controle de fluxo de dados e infraestrutura que impactam na organização de IAs em países periféricos como o Brasil.

Quando se fala em soberania digital é importante não se contentar com o conceito e o papel que querem limitar o Brasil e o Sul Global. Transformação digital dependente de agentes externos é uma condição insuficiente para garantir a autodeterminação tecnológica da agenda digital do país, que tem impactos em diversos outros setores econômicos e mesmo na transição ecológica (Görger, 2024, p. 1).

Nas relações de soberania e desenvolvimento de IAs há as condições de possibilidade dentro do campo do ensino-aprendizado e da agência epistêmica humana. Para o filósofo Noam Chomsky (2023), há uma distinção entre a simulação da linguagem dos algoritmos e a inteligência humana, pois não há possibilidade de aprendizagem e conhecimento legítimos nos processos de simulação e aplicações algorítmicas:

Se olharmos para o que Alan Turing [1912-1954] disse, há já muito tempo, a IA é descrita como a capacidade para utilizar computadores e programação para ver se conseguimos alguma compreensão sobre o que é a inteligência humana. Isso é ciência pura. Só que a IA, tal como é entendida atualmente, é um projeto corporativo que visa reunir conteúdos para serem usados por sistemas de simulação em grande escala. A ideia de que podemos aprender alguma coisa com este tipo de IA é um erro. Elas [as tecnologias de IA] criam uma atmosfera onde a explicação e a compreensão não têm qualquer valor. O que se faz é tentar simular um ataque profundo à natureza não só da ciência, mas também da investigação racional no seu conjunto (Chomsky, 2023, p. 1).

Os processos de informação são limitados, inclusive para sanar um vácuo social e as IAs não podem ser fonte de construção do conhecimento científico, pois proporciona alteração das sociabilidades e causa ilusões do conhecimento. O uso das IAs como simulacro da linguagem e do conhecimento acadêmico-científico não deve ser substituto de raciocínio metódico da experiência.

Mas a investigação de IA acontece, por exemplo, nos estudos sobre a forma como os bebês pensam. O livro *What Babies Know*, de Elizabeth Spelke, inclui uma análise detalhada sobre a forma como os bebês adquirem a linguagem e a compreensão do ambiente que os rodeia durante o primeiro ano de vida. Isto é feito usando experimentação científica e outros métodos, como análises estatísticas dos exemplos disponíveis para as crianças [aprenderem]. Estes métodos de investigação convergem



DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

para se descobrir como é que os humanos desenvolveram as capacidades intelectuais. É como estudar uma colônia de formigas para perceber como operam. Para isso, é preciso ciência, não simulação (Chomsky, 2023, p. 1).

Não se pode aprender dentro de operações de simulação apenas. Nós partimos desse propósito para poder salvaguardar as perspectivas da agência epistêmica humana: experiência do conhecimento acadêmico-científico. A emulação do pensamento humano, dentro de uma perspectiva de acolhimento às descobertas nestas áreas, passamos a incorporar no cotidiano hoje uma forma de olhar as tecnologias como integrantes do processo cognitivo, potencializando a agência epistêmica humana, não substituindo-a ou atrofiando-a.

Os LLMs [Large Language Model] são modelos de aprendizagem apenas quando engenheiros humanos intervêm para treiná-los com base nessas informações. A IA não chega a uma conclusão organicamente, como as pessoas. As máquinas não conseguem pensar em mudanças potenciais e qualitativas. O conhecimento novo vem de tais transformações (humanas), não da extensão do conhecimento existente (máquinas). Só a inteligência humana é social e pode perceber o potencial de mudança, em particular a mudança social, que conduz a uma vida melhor para a humanidade e a natureza.

Em vez de desenvolver a IA para obter lucros, reduzir os empregos e os meios de subsistência dos seres humanos, a IA sob propriedade e planejamento comuns poderia reduzir as horas de trabalho humano para todos e libertar os seres humanos do trabalho árduo, para se concentrarem no trabalho criativo que só a inteligência humana pode realizar (Roberts, 2024, p.01).

Os estudos sobre as IAs apontam para uma relação à agência epistêmica humana que permite a definição dos processos das operações cognitivas e das operações de entradas-saídas do sistema baseadas em computadores e linguagens simbólicas, a despeito das relações sensíveis com interações de informações (Gašević; Siemens; Sadiq, 2023). Os diversos modelos cognitivos para formação dos sistemas de IAs, as que se espelham apenas nas relações de uma linguagem natural proporcionam abstrações e imitações cerebrais que simulam a cognição humana.

No entanto, as relações dos sistemas artificiais, por mais semelhantes que possam ser com a agência humana, não alcançam a qualidade prevista das operações cognitivas como apresentamos em seguida: a) experiências sensoriais: visão, percepção e atenção; b) operações: linguagem, memória, reconhecimento, recordação, busca de informações e comportamentos; e c) atividades complexas: incluem raciocínio, julgamento, tomada de decisão, resolução de problemas, construção de sentido e criatividade. Ou seja, experiências sensoriais geram as operações que por sua vez levam às atividades complexas da cognição humanas que podem ser emulados em sistemas cognição artificiais, levando às tomadas de decisão, ver Figura 04. Nesse modelo, o processo das IAs, em suas simulações, auxilia as atividades das agências humanas, tabulação de grandes dados, estatísticas e organização de informações e leitura de cenários

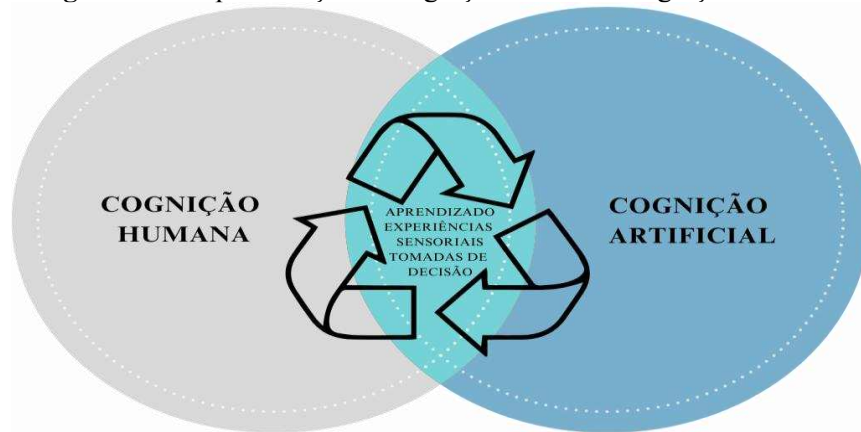


DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

complexos. Essa perspectiva pode ser entendida como *design* cognitivo aplicados em ensino-aprendizagem.

Figura 04 - Representação da cognição humana e cognição artificial



Fonte: Gašević, Siemens e Sadiq (2023, p. 2) com adaptação nossa (2025)

Além do mais, para o aproveitamento das IAs nesse sistema, há um conjunto de estudos que podem orientar as organizações de atividades na educação, a partir de formação de modelos para o *design* cognitivo capaz de potencializar as relações humano-máquina, ensino-aprendizagem e avaliação, bem como processo de gestão educativa a partir de modelos treinados em grandes dados (Gašević; Siemens; Sadiq, 2023).

O desenvolvimento de um processo direcionado para as relações marcantes da agência epistêmica humana destaca as tecnologias adaptativa e organizativas que possam potencializar o ensino-aprendizado. Trata-se de um processo potencial organizador de informações e conhecimentos, otimizador de habilidades já estabelecidas e normatizadas por instituições na validação do conhecimento científico. São modelos de *design* cognitivos capazes de direcionar e propor novos processos e modelagens cognitivas na geração e difusão do conhecimento que permitam tomadas de decisão reguladas por *prompts* mais humanizados, por exemplo.

Modelos de *design* cognitivos de aprendizagem abrangem aspectos de IAs que sejam organicamente treinadas, permitindo uma adaptação do conhecimento, sendo aplicada na aprendizagem de novas línguas, captação de dados, organização de informações e ampliação da memória humana. Nesse caso, essas relações não anulam a agência epistêmica do ser humano, mas torna-se suporte importante para o desenvolvimento operacional em modelos constituídos como auxiliares, orgânicos e potentes para as práticas das experiências humanas que geram conhecimento.

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

Por isso o usos de IAs no processo de geração do conhecimento deve ser normalizado, regulado e direcionado por modelos estabelecidos e baseado na *prompts* criados com princípios claros e direcionados para o protagonismo das experiências humanas, aprendendo junto com agentes epistêmicos, incluindo o direcionamento do direito à educação como bem público e direitos de todos, unindo a finalidade da educação como práticas efetivas e centradas em aspectos importantes para melhoria e potencialidade do conhecimento e suas operações nos sistemas de ensino.

A tecnologia de IAs aplicada no ensino superior é discutida por George e Wooden (2023) que destacam esses elementos que ele chama de “universidade inteligente”, com a perspectiva de ensino-aprendizado, administração, inovação e tecnologia aplicadas e personalizadas, em uma perspectiva retroativa em trabalhos correlatos, bem como análises de exemplos e casos sobre a relação entre universidade e IAs em usos e instalação de operações educacionais em sistemas de gerenciamento, gestão do conhecimento e aprendizagem (LMSs) (George; Wooden, 2023, p. 06).

As IAs prometem automatizar e otimizar os sistemas de gestão do conhecimento da universidade, concedendo elementos de eficiência e eficácia, personalização do desempenho dos discentes em campos em que eles estão atuando. Esses processos preditivos individualizados propõem estratégias para melhorar o escore a partir de simulação das operações com a realidade virtual, realidade aumentada e realidade estendida em que se formam um desenvolvimento da agência epistêmica humana (George; Wooden, 2023).

Sob essa proposição, podemos elencar algumas contribuições para aprimoramento da agência epistêmica humana e no ensino-aprendizado como sistema de processos mediados por operações preditivas, organizadas e personalizada com interações de agentes epistêmicos humanos e IAs, tendo uma concepção acertada de desenvolvimento de modelos, não só como instrumento para um uso, mas como operadores que garantem uma integração universitária, desdobrando-se em padrões facilitadores de relações e interfaces, ver Figura 05. As propostas estão desdobradas em quatro diretrizes basilares: 1) integrar das diretrizes dos planos do curso; 2) inovar nas relações de conteúdo, metodologia de ensino, produção acadêmica; 2) organizar metodologias de pesquisa e extensão universitária; 3) proporcionar as relações entre agentes em sala de aula e fora dela; e 4) interrelacionar universidade e mercado de trabalho.

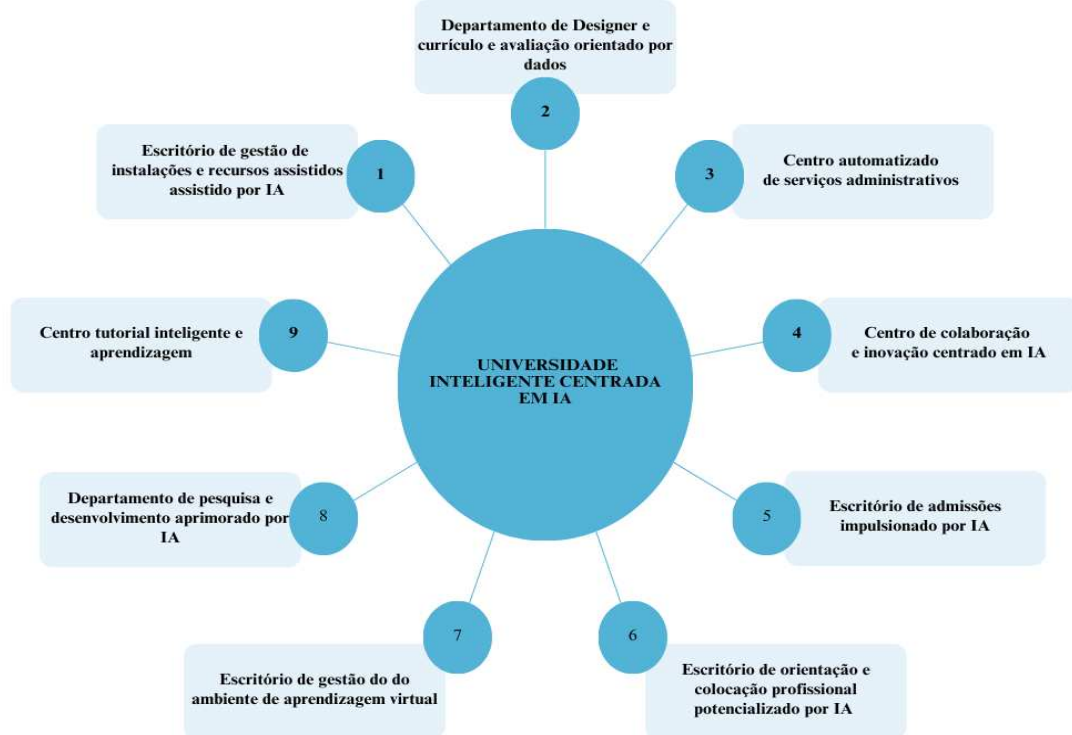
Esses quatro objetivos acima se organizam em nove setores da universidade, abrangendo uma relação orgânica na gestão do conhecimento entre departamentos, centros e escritórios, ver Figura 05.

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

Além disso, George e Wooden (2023) elencam mais desdobramentos desse modelo que deve preocupar-se com a privacidade e proteção de dados, viés de justiça, transparência e aplicabilidade, criatividade, relações, consentimento, responsabilidade e propriedade intelectual, a partir desse recorte, sob nosso olhar com a perspectiva da agência epistêmica humana (George; Wooden, 2023).

Figura 05 - Projeto de sistema de gestão do conhecimento centrado em IAs



Fonte: George e Wooden (2023, p. 2) com adaptação nossa (2025)

Seguindo a proposta de uma reflexão sobre os estudos das relações da agência epistêmica humana com os algoritmos e as máquinas, Khosrav *et al.* (2022) defendem a emergência de um novo campo de conhecimento que elenca a educação mediada pela agência epistêmica de IAs. Eles apresentam um conjunto de estudos correlatos que relacionam a composição de IAs que indicam modelos e linguagens que podem ser modelos para operações do sistema de conhecimento e educacional. Tais sistemas são chamados de IA Explicável (*XAI*). Esse modelo sintetiza as necessidades cada vez mais presentes nas universidades promoção e organização de processos, transparência de dados e formação para uso de IAs, como podemos elencar a seguir: a) promoção de processos que possam explicar e organizar informações sobre o uso do próprio sistema de IAs; b) transparência nos usos dos dados, algoritmos e relações de um *design* voltados para o usuário com razoabilidade; e c) formação das relações do *XAI* que

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

indica a explicabilidade para o estudo, ensino-aprendizado, indicado como instrumento razoável na agência epistêmica humana.

A base de uma *XAI* aplicada à educação modela processos de previsão dos discentes, devendo ser treinada e formada a partir de dados que possam distinguir elementos territoriais, classe e gênero e assim poder organizar as explicações em uma linguagem acessível e organizada para operações de interações entre IAs e discente (Khosrav *et al.*, 2022). Desse modo, as relações levam em conta as variáveis de grupos desses agentes epistêmicos humanos explicados e vice-versa.

A *XAI*, nesse caso, é treinada e proporciona um processo de integração e *insights* como confiança, interesse, feedback, desenvolvimento, a partir de dados gerados por algoritmos do modelo adotado, como podemos ver em seguida: a) confiança, solução de problemas ou design, educação, ação, justificação, estética e comunicação; b) interesse, tarefas simples e complexas, necessidade, abordagens centradas no ser humano; c) *feedback* de formas comuns, desempenho, automonitoramento, direção, afetividade; e d) desenvolvimento de conhecimento de domínio, habilidades autorreguladas e um senso de ser.

Dessa maneira, há uma orientação positiva para melhor organização e para ampliar a relação entre discente e docente, o que se desdobra em uma ação motivacional na tomada de decisões, valorizando a confiança mútua: “Across these contexts, the aim is to support people in decision making, and to develop their judgement capacities” (Khosrav *et al.*, 2022, p. 3). As IAs devem organizar-se em prol da autonomia da agência epistêmica humana no conhecimento com o objetivo de formação do discente. A educação é tomada como processo de interação de agentes em contextos mediados e que podem se transformar em processos de avaliação, construindo confiança e assegurando eficácia de aprendizagem.

Destacamos a compreensão de que as IAs não substituem as a agência epistêmica humana formada pela experiência do conhecimento, mas tem papel complementar que abrange transmissão e recepção de dados, bem como a dimensão estocástica de causalidades que são características dos sistemas algorítmicos (Gašević; Siemens; Sadiq, 2023). Assim, toda essa dinâmica pode ser posta com a compreensão de alguns recursos para uso das *XAI*, tais como agência, interações e alfabetização em IAs, como posto em seguida:

- a) *Agência*: mediação das IAs vai além de meros usuários, mas também co-gestor do processo de ensino-aprendizado mediado, ou seja, os agentes humanos [discentes e docentes] devem ser os programadores no desenho de modelos e linguagens, *design* capaz de contextualizar as relações e interfaces, afirmando e definindo valores e escalas

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

de dados, capaz de interpretar e direcionar as explicações dadas no processo de interação com as IAs;

- b) *Interações*: docente e discente, como agentes epistêmicos humanos, compreendem o sistema de operações sociais complexas que vão para além de um mero *feedback* em um circuito fechado de estímulo resposta; a complexidade do relacionamento de experiências tende a ser positiva a medida em que se baseiam em interações que podem ser potencializar o ensino-aprendizado com as IAs; a interação humano-humano permite a formação de um ecossistema, uma comunidade epistêmica legítima para melhoria das relações que se estabelecem; o processo pode ser capitalizado por dados gerados em prol da melhoria das IAs e também das relações humanas;
- c) *Alfabetização em IAs*: As práticas de um sistema de experiência de IAs que conduza para uma interação rica e construtiva deve ser precedida por uma alfabetização dos processos que sustentam as bases das linguagens naturais, a comunicação de máquina e as lógicas computacionais, confiabilidades no processo de concepções e viés de justiça na programação algorítmica; deve propor confiança, transparência, ética da confiança e explicabilidade das IAs. “In summary, XAI can be a catalyst for several educational benefits and desirable futures of education” (Khosrav *et al.*, 2022, p. 5).

Estas características postas acima de IAs geram responsabilidade, confiança e são sintetizadas em uma sociopolítica institucional capaz de garantir governança de dados que podem orientar e normatizar o ensino superior para além do ensino-aprendizado. São aspectos que inserem elementos essenciais para uma agenda política pública para as IAs e a educação, perpassando pelas condições de uso das agências epistêmicas humanas e a difusão do conhecimento.

Após essa trajetória empreendida por nós no processo de caracterização da agência epistêmica humana e da sua relação com as IAs na difusão do conhecimento, podemos pensar em diretrizes para composição de um *design* cognitivo aplicado à atividade acadêmica de comunicação social. Pensando que mesmo havendo uma bolha especulativa de negócio relacionado às IAs, um discurso referente a substituição das atividades humanas, pensamos que vivemos a emergência de condições de possibilidade de melhoria no ensino-aprendizado que valoriza experiências genuínas capazes de potencializar a criatividade, a geração e difusão do conhecimento.

Diretrizes para atividades acadêmicas em Comunicação Social

A construção dessas diretrizes para o *design* cognitivo de IAs perpassam alguns momentos importantes no processo de ensino-aprendizado, pois nasce do enfrentamento do medo e da ameaça sobre prática e formação do comunicador enquanto profissional em operações direcionada para construção de discursos e imagens, bem como gestão, assessoria e produção audiovisual ou mesmo em práticas de geração e difusão do conhecimento. No entanto, essas relações nos direcionam para um relativo controle e planejamento, capaz de mediar práticas que nos dê razoabilidade em tomadas de decisões assertivas nas atividades acadêmico-científica em comunicação social.

Desse modo, apresentamos no Quadro 1 propostas entendidas como roteiro a ser pensado, sendo elas mesmas orientações possíveis de serem aplicadas no cotidiano do ensino de comunicação diante das atividades acadêmicas emergentes com o uso das IAs.

Quadro 1: Proposta de Diretrizes para atividades acadêmicas em Comunicação Social

I - Diretrizes Gerais sobre as IAs

Art. 1. A concepção das Inteligências Artificiais (IAs) em seus aspectos plásticos, a partir da tecnologia de modelos de linguagem ampla (LLM) e *ChatBots* aplicados em atividades humanas cotidianas e sazonais, relacionando as interfaces com plataformas e programas gerativos de palavras, imagens, sons e audiovisual, emulando o pensamento humano, influenciando as tomadas de decisão e as práticas humanas.

§ 1: Tal concepção leva em conta elementos sociais, legais, éticos, educacionais de ensino e aprendizagem e impacta na formação e perfil do egresso;

§ 2: Presença de IAs nos processos de tomada de decisão e o uso de algoritmos nas decisões que afetam as vidas humanas;

§ 3: Aspecto da agência epistêmica humana no processo de ensino-aprendizado, especificamente na universidade pública, no contexto atual.

Art. 2. As IAs são instrumentos e interfaces, constituidor de um recurso difuso para atividades Científicas e Acadêmicas no cotidiano da Universidade, em campos interdisciplinares, e mais especificamente nas Ciências Sociais Aplicadas, Comunicação Social, em pesquisas, projetos, geração de texto, produção de som, imagem e audiovisual quando necessário com finalidade de formação, instrumental direcionado para fins pedagógicos, levando em conta o Projeto de Curso e perfil do egresso.

§ 1: Uso das IAs em trabalhos acadêmicos e ética para seu uso;

§ 2: Potencialidades desses usos nas atividades da Comunicação;

§ 3: Produção científico-acadêmica;

§ 4: Instrumento de mediação e apoio à Pessoa com Deficiência (PCD).

Art. 3. Para desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos e produção de produtos experimentais em Comunicação e, em geral, deve-se levar em conta a razoabilidade, os aspectos éticos do trabalho científico-acadêmico já estruturados para tecnologias analógicas e digitais tais como uso de imagem, ética da pesquisa com pessoas já estabelecidos pelos Comitês de Ética da Pesquisa (CEP).

§1: Destacar os limites das IAs no processo de uso de plataformas, dados digitais, sigilo de informações digitais, organização e direitos autorais, algoritmos e empresas de dados

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

chamadas *BigTechs*, limites legais e falta de legislação e regulamentação das plataformas digitais;

§2: Valorizar da informação, vieses de gênero, raça e classes, difusão do conhecimento, criatividade, método, cientificidade, organização e lógica do conhecimento acadêmico-científico e formação acadêmica-profissional;

§3: Preferir modelos de padrões de IAs que possam beneficiar tomadas de decisões que são justas, não-preconceituosas, sem viés de raça, gênero e classe social;

§4: Usar ferramentas transparentes com variáveis sensíveis e que sejam produzidas a partir de dados coletados legalmente;

§ 5: Os *LLMs* e *ChatBots* não devem ser considerados autores ou coautores.

Art. 4. Cabe à Universidade prover os recursos que promovam o acesso a instrumentos legais e atualizados para detecção de uso de IAs e que estes sejam utilizados na produção acadêmica-científica, reconhecimento de plágio e promoção de ações que fortaleçam boas práticas da ética e das relações do ser humano com os objetos técnicos na geração, gestão e difusão do conhecimento.

II - Diretrizes para trabalho Acadêmico Docente

Art 5. Levando em conta a autonomia acadêmica-científica do docente no colegiado, o uso das IAs deve ser submetido ao projeto de ensino (plano de aula) do componente curricular aprovado pelo colegiado;

§ 1: Tenha uma finalidade justificada e fundamentada no Projeto do Curso, destacando a atualidade e contextualidade no campo de comunicação e formação do perfil do egresso;

§ 2: Nos projetos de pesquisa e extensão que sejam aprovados pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) do departamento.

Art 6. Uso das IAs de maneira ponderada, crítica, criativa, responsável, validada cientificamente, referenciada e transparente:

§ 1: Uso para geração, edição e publicação de texto em sala de aula e plataformas online, apresentação de trabalho, eventos acadêmicos e outros projetos;

§ 2: Uso para geração, edição e publicação de imagem, som e audiovisual em sala de aula e plataformas online, apresentação de trabalho, eventos acadêmicos e outros trabalhos;

§ 3: Uso na transcrição de palestra e organização ideias de origem de apresentações orais para fins de memória ou para base de outros textos posteriormente publicáveis.

Art 7. As IAs devem ser sempre identificadas antes dos processos de ensino-aprendizagem por parte do docente, no uso pedagógico com a descrição do tipo de IAs utilizadas, destacando a natureza do produto acadêmico e produção comunicacional utilizadas: texto, imagem, som e audiovisual.

Art 8. As IAs não devem substituir os processos criativos relacionais e contextuais de sala de aula, sendo seu uso orientado pelo docente no processo ensino-aprendizado, na pesquisa e na extensão, bem como ser pensado e equilibrado, levando em conta os desafios intelectuais e razoabilidade nas relações das interfaces dos objetos técnicos e desenvolvimento humano.

Art 9. O uso de IAs não deve ser posto como elemento de questionamento do trabalho docente, sua autoridade de cátedra, intrínseca ao seu fazer docente, garantido por leis e normas vigentes.

III - Diretrizes para trabalho Acadêmico Discente

Art 10. O uso das IAs pelo discente deve ser acompanhado e supervisionado pelo docente no seu uso, quando solicitado e organizado dentro dos critérios científico-acadêmico no que se refere ao colegiado.

§ Único: Projeto de Curso e perfil do egresso: projetos de pesquisa, extensão e plano de aula dos componentes curriculares, tendo como base as normas e legislações vigentes que supervisionam o trabalho científico-acadêmico, bem como as diretrizes do colegiado.

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

Art 11. As IAs não devem substituir o processo de tessitura textual e autoria, caderno de campo, dados primários e secundários para composição de trabalhos acadêmicos narrativos que relatam experiências processuais importantes como memoriais de projetos experimentais, relatos de experiências de estágio supervisionado e textos diversos (projetos, relatórios, memorial, relatos de experiências, resenhas, fichamentos, roteiros, sinopses, resumos, ensaios) produção de som, imagem e audiovisual, mixagens, produção e edição de produtos comunicacionais.

§ 1: As IAs deve ser usada com razoabilidade, cautela, justificada e fundamentada para produção acadêmico-científica, produção de artigos científicos e demais textos acadêmicos por parte de discentes, pois remete-se ao processo de amadurecimento intelectual, desenvolvimento cognitivo e raciocínio acadêmico-científico;

§ 2: Dando a devida importância ao processo de tessitura do texto e processo do texto e suas interfaces, ressaltando as responsabilidades morais e legais de uma produção acadêmica;

§3: O uso das IAs não será aceito em relatórios e relatos de experiências acadêmicas-científicas financiadas por bolsas de Iniciação Científica, Bolsa de Iniciação a Extensão, Bolsa de Monitoria de Ensino e demais atividades que implicam um relato circunstanciado da experiência acadêmica e formação do discente;

§4: O uso das IAs pelo discente para fins acadêmico-científico deve ser posta dentro de um projeto justificado e orientado pelo docente.

Art 12. As IAs não devem ser usadas na geração produções autorais de projetos e relatos de Experiências de Estágio Supervisionado; Memorial de Projeto Experimental de Trabalhos de Conclusão de Curso e Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso, salvo exceção muito bem justificadas e sob orientação e supervisão do docente.

IV - Diretrizes para trabalho Acadêmico Discente PCD

Art 13: A universidade deve promover ações de inclusão e desenvolvimento de tecnologia para mediação de práticas de inclusão de PCD no uso e acessos dos processos pedagógicos.

§ 1: As IAs devem ser usadas dentro dos critérios de razoabilidade tais como transcrição, interpretação e geração de texto com orientação docente em cada processo dos componentes;

§ 2: O uso das IAs deve ter a finalidade de inclusão, participação e desenvolvimento dos discentes no processo de ensino aprendido, promovendo as condições de possibilidade para manutenção das relações mediadas e suas interfaces para produção acadêmico-científico.

Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

Essas diretrizes postas no Quadro 01 devem ser concebidas como orientação matricial, cabendo sua adaptabilidade aos contextos territoriais e perfil da matriz curricular, um roteiro possível de ser pensado pelos colegiados dos cursos ao propor normas dentro de seu processo criativo das universidades.

Considerações Finais

A proposta deste ensaio foi fazer a composição de uma reflexão sobre o que é a agência epistêmica humana frente ao desafio de gerar e difundir conhecimento no ensino superior, em específico no ensino de comunicação social, a partir do entendimento que as Inteligências Artificiais (IAs) são modelos de linguagem ampla (LLM) e *ChatBots*. Estas têm provocado um impacto importante no cotidiano do ensino superior, envolvendo o seu uso em atividades de

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS) NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

ensino-aprendizado, desafiando até mesmo as condições de possibilidade das experiências de geração de conhecimento.

Neste ensaio propomos um ponto de partida que leva a refletir direcionamentos assertivos para usos das IAs na universidade pública, em específico no curso de comunicação social, implicando experiências constantes. Propomos que não há como substituir a agência epistêmica humana por um instrumental técnico ou *prompts* de IAs. No entanto, a instrumentalização política e econômica das IAs ameaça a sociedade no campo cognitivo e na fundamentação dos processos de ensino-aprendizado.

Ressaltamos ainda que os atributos da educação não estão centrados na produção, mas no aprendizado processual, no erro, nos acertos e nas experiências. Por isso, ao refletirmos sobre o estatuto da agência epistêmica humana em contraponto às IAs, podemos pensar no processo de uma operação que nos dê um mínimo de segurança nos usos de *design cognitivos* que emergem como plano de negócio, vendo a educação como mercadoria e minando o papel da universidade e dos profissionais formados nesta instituição, especificamente na geração de conhecimento no campo da comunicação social.

Assim também, pensamos o futuro profissional da comunicação, seus papéis na sociedade atual e como ele pode se localizar diante do capitalismo de vigilância, plataforma e emulação das funções comunicacionais. Por isso, podemos pensar alguns elementos possíveis a serem aprofundados futuramente, como posto abaixo: a) a urgência do problema do uso das IAs na sociedade em geral e seu impacto na vida social e relações humanas, na política, na economia e na educação; b) a implicação ética, estética e cognitiva do uso das IAs em atividades laborais, educacionais e relações humanas e o desdobramento disso na agência epistêmica; c) a organização de normas que possam acolher as tecnologias das IAs no ensino superior e formação sem cair no radicalismo antitecnológicos no ensino de comunicação social; d) a criação de uma política pública e institucional orientada para desenvolvimento de tecnologia aberta e participativa, inovadora e colaborativa para alfabetização de IAs e algorítmica com apreensão de lógicas computacionais em cooperação da agência epistêmica humana e agência cognitiva computacional.

Este ensaio e sua proposta de diretrizes não devem ser encarados como receita ou manual, mas concebido como uma proposta que se torne gatilho para discussões e pesquisas que possam somar a várias experiências do ensino superior e formação da Comunicação Social. Portanto, ao nosso olhar, encena-se um horizonte nebuloso para o futuro que ainda não podemos alcançar, perante o qual há desafios efetivos que nos apresentam ora como pulsantes esperanças razoáveis ora como distopias apocalípticas inevitáveis.

Referências

- BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. Acesso em: 13 dez. 2024.
- CALVO, P. Democracia algorítmica: consideraciones éticas sobre la dataficación de la esfera pública. **Revista del CLAD Reforma y Democracia**, n. 74, 2019. Disponível em: <https://revista.clad.org/ryd/article/view/181/362>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- CAMPOS, J. M.S.; FREITAS, C. Algoritmos, inteligência artificial (IA) e desinformação: uma reflexão inicial. **Parcerias Estratégicas**, v. 29, n. 54, p. 1-188, jul.-dez. 2024. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/10687196/cgee_rpe_54.pdf#page=13. Acesso em: 25 dez. 2024.
- CARVALHO, A. C. P. de L. F. de. Inteligência Artificial: riscos, benefícios e uso responsável. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 101, p. 21-36, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.003>. Acesso em: 13 dez. 2024.
- CASTRO, E. T. V.; SILVA, G. R. S.; CANEDO, E. D. Ensuring privacy in the application of the Brazilian general data protection law (LGPD). In: Proceedings Of The 37th Acm/Sigapp Symposium On Applied Computing, **Association for Computing Machinery**, New York, p. 1228-1235. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3477314.3507023>. Acesso em: 13 dez. 2024.
- CHOMSKY, N. **Chomsky: Chatgpt contra o pensamento crítico**. Outras Palavras, 2 maio 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3M2eb4H>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- COECKELBERGH, M. Democracy, epistemic agency, and AI: political epistemology in times of artificial intelligence. **AI and Ethics**, v. 3, n. 4, p. 1341-1350, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s43681-022-00239-4>. Acesso em: 14 dez. 2024.
- ENGEL, D. O que é agência epistêmica, afinal? **Veritas**, Porto Alegre, v. 62, n. 3, p. 540-565, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2017.3.28442>.
- ELGIN, C. Z. Epistemic agency. **Theory and Research in Education**, v. 11, n. 2, p. 135-152, 2013. Disponível em: <https://doi.org.ez10.periodicos.capes.gov.br/10.1177/1477878513485173>. Acesso em: 13 dez. 2024.
- GAŠEVIĆ, D.; SIEMENS, G.; SADIQ, S. Empowering learners for the age of artificial intelligence. **Computers and Education: Artificial Intelligence**, v. 4, p. 100-130, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.caeai.2023.100130>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- GEORGE, B.; WOODEN, O. Managing the Strategic Transformation of Higher Education through Artificial Intelligence. **Administrative Sciences**, v. 13, n. 9, p. 4-20 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/admsci13090196>. Acesso em: 15 dez. 2024.

DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS)
NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO

Moisés dos Santos Viana

GOMES, C. A.; SOUSA, C. Â. de M.; FIERRO, M. C. A inteligência artificial na educação: será o professorado substituível? **Revista Diálogo Educacional**, v. 24, n. 83, 2024.

Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.083.DS05>. Acesso em: 13 dez. 2024.

GONZAGA, K. V. P.; GRAÇA, V. G. D.; QUADROS-FLORES, P. A cultura e metodologia maker na formação de professores: uma proposta criativa, interdisciplinar, inovadora, sustentável e inclusiva. **Dialogia**, n. 50, e27733, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.5585/50.2024.27733>. Acesso em: 13 dez. 2024.

GÖRGEN, J. **A transformação digital do Estado e suas armadilhas**. Outras Palavras, 10 out. 2024. Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/o-estado-digital-e-suas-armadilhas/>. Acesso em: 15 dez. 2024.

HOLMES, W.; MIAO, F. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. Paris: UNESCO Publishing, 2024.

KHOSRAVI, H. *et al.* Explainable artificial intelligence in education. **Computers and Education: Artificial Intelligence**, v. 3, p. 100074, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.caeai.2022.100074>. Acesso em: 15 dez. 2024.

LANDOLT, S.; WAMBSGANSS, T.; SÖLLNER, M. A taxonomy for deep learning in natural language processing. **HICSS**, 2021. p. 1-10. Disponível em:

<https://aisel.aisnet.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1629&context=hicss-54>. Acesso em: 15 dez. 2024.

MAH, D. K.; GROSS, N. Artificial intelligence in higher education: exploring faculty use, self-efficacy, distinct profiles, and professional development needs. **International Journal of Educational Technology in Higher Education**, v. 21, n. 1, p. 58, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.1186/s41239-024-00490-1>. Acesso em: 15 dez. 2024.

MELLO, R. **Jornalismo de Profundidade e Pós-Capitalismo**. Outras Palavras, 14 maio 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/o-que-a-historia-da-fotografia-diz-sobre-o-chatgpt/>. Acesso em: 15 dez. 2024.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010> Acesso em: 5 abr. 2020.

ROBERTS, M. **IA: Muito aquém das promessas magníficas**. Outras Palavras, 26 jun. 2024.

Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/ia-muito-aquem-das-promessas-magnifica/>. Acesso em: 26 dez. 2024.

SALAS-PILCO, S. Z.; YANG, Y. Artificial intelligence applications in Latin American higher education: a systematic review. **International Journal of Educational Technology in Higher Education**, v. 19, n. 1, p. 21, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s41239-022-00326-w>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SIEMENS, G. *et al.* Human and artificial cognition. **Computers and Education: Artificial Intelligence**, v. 3, p. 100107, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.caeai.2022.100107>. Acesso em: 15 dez. 2024.



DESAFIOS DA AGÊNCIA EPISTÊMICA HUMANA NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS (IAS)
NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO
Moisés dos Santos Viana

SOSA, E. Agência epistêmica. **Caderno CRH**, v. 25, spe2, p. 23-37, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792012000500003>. Acesso em: 15 dez. 2024.

VIANA, M. dos S. **Experiências, agências e afetividade: emergência de redes cognitivas no território do sisal**. 2023. 213 f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

VIANA, M. dos S.; JESUS, R. M. V. de. Nos emaranhados da experiência: anotações, rascunhos e imaginação para compreender o ambiente. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 46, n. 1, e69256, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v46i1.69256>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SOBRE O AUTOR

Moisés dos Santos Viana. Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - CAMPUS 14 (Conceição do Coité-BA) - Departamento de Educação (DEDC) - Comunicação Social Rádio e TV. Doutor em Difusão do Conhecimento (DMMDC/UFBA). Grupo de pesquisa: Agricultura Comparada e Agricultura Familiar. <http://lattes.cnpq.br/1940914210391451>

Como citar

VIANA, Moisés dos Santos. Desafios da agência epistêmica humana no uso das inteligências artificiais (IAs) no ensino de Comunicação. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 6, n. 13, p. 1-26, jan./dez., 2025.

